



A PALAVRA COMO MEDIAÇÃO ENTRE A PERCEPÇÃO HUMANA E O EXISTENTE

Isabel Jungk

Doutoranda em Tecnologias da Inteligência e Design Digital, Mestre em Comunicação e Semiótica e Especialista em Semiótica Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP
isabeljungk@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo busca investigar alguns aspectos e características da mediação exercida pelas palavras entre a percepção humana e o universo do existente. Feixes de perceptos, isto é, diferentes estímulos do existente, do mundo, batem à porta da percepção humana, que os converte em signos, e a estes em linguagem. No homem e pelo homem, opera-se o processo de alteração dos *sinais*, i.e., opera-se qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo, em *signos* ou *linguagens* (produtos da consciência). Como não há elemento na consciência que não possua algo correspondente na palavra, temos que, entre a percepção humana, pela qual conhecemos as coisas como existindo, e o existente, há uma ponte construída com palavras pela linguagem verbal destinada à transmissão e manipulação da informação. Nesse processo, homens e palavras educam-se mutuamente, pois Peirce postula que cada aumento de informação humana envolve e é envolvido por um aumento de informação das palavras. A compreensão do processo de criação das palavras torna-se, por esses motivos, fundamental para os objetivos aqui propostos, e será elucidada a partir dos mecanismos de associação por semelhança e contiguidade descritos por Peirce. Esses mecanismos encontram-se na base da constituição de todo e qualquer tipo de linguagem, e neste artigo serão analisados em função de sua importância na constituição da linguagem verbal e, especificamente, na geração das palavras. Outro aspecto relevante para a investigação da função mediadora das palavras é sua natureza *sígnica*, mais especificamente, suas características de lei. Como *legissignos*, as palavras fazem parte de sistemas e encontram-se em constante evolução, que, como postula Peirce, está diretamente relacionada ao aumento de informação humana. Essa evolução está intimamente ligada à tese central de Peirce de que todo pensamento se dá em signos que são, na maioria, da mesma estrutura geral das palavras. O processo de evolução das palavras ao longo do tempo será assim abordado a partir das teorias *sígnica* e da percepção peirceanas, pelas quais se torna compreensível como as palavras incorporam, cada vez mais, o que o homem conhece ou sente sobre os perceptos.

Palavras-Chave: Teoria dos Signos. Teoria da Percepção. Linguagem Verbal.

WORDS AS MEDIATION BETWEEN HUMAN PERCEPTION AND EXISTENCE

Abstract: This paper aims to investigate some aspects and features of the mediation exerted by words between human perception and the universe of existence. Bundles of percepts, that are different stimuli from the world of existence, knock at the door of human perception, which convert them into signs, and these in language. The process of changing signals (i.e. any stimulus emitted by objects in the world) in signs or language (products of consciousness) is operated in man and by man. Since there is no element whatever of man's consciousness which has not something corresponding to it in the word, between human perception (by which we know things as existent) and the universe of

existence there is a bridge built with words by verbal language, intended for the transmission and manipulation of information. In this process, men and words reciprocally educate each other, for Peirce postulates that each increase of a man's information involves and is involved by a corresponding increase of a word's information. For these reasons, understanding the process of creation of words becomes central to the goals proposed here, and will be elucidated according to the mechanisms of association by similarity and contiguity described by Peirce. These mechanisms are fundamental for the constitution of any kind of language, and in this paper they will be analyzed under the perspective of their importance in verbal language constitution, and specifically, in the generation of words. Another aspect relevant for the investigation of the mediating function of words is its semiotic nature, more specifically, its law features. As legisigns, words are part of systems and are in constant evolution, what is directly related to the increase of human information as Peirce postulates. This development is also closely related to Peirce's central thesis that all thinking is conducted in signs that are mainly of the same general structure as words. The process of word evolution over time will thus be approached from the Peircean theories of perception and of signs through which it is understandable how words increasingly embody what man knows and feels about percepts.

Keywords: Theory of Signs. Theory of Perception. Verbal Language.

* * *

Introdução

Este artigo busca investigar alguns aspectos e características da mediação exercida pelas palavras entre a percepção humana e universo do existente a partir da teoria de Charles S. Peirce. É sabido quão vasta é a obra de Peirce, não só pela quantidade de manuscritos deixados, mas também pela enorme gama de interesses e domínios que sua filosofia abarcou. Por outro lado, a totalidade de seu pensamento está longe de ser conhecida, tarefa obstaculizada pela pouca sistematização que ele deu a seus conceitos em vida.

Em relação a uma teoria peirceana da percepção, o que existe são fragmentos dispersos no conjunto de sua obra, o que em nada diminui a importância dos conceitos elaborados. Vários estudiosos têm se dedicado a elucidá-los e sistematizá-los, e um dos aspectos que contribuem para sua importância é o fato das ideias peirceanas acerca da percepção serem também de natureza triádica e estarem em consonância com sua teoria sígnica do conhecimento, ou semiótica. Essa conjunção permite lançar luzes novas sobre antigas e importantes questões concernentes às relações entre linguagem e realidade. Conforme Santaella (1998, p. 18), “com a teoria da percepção, ele [Peirce] conseguiu resolver impasses relativos à sua teoria dos signos, especialmente concernentes às ligações da linguagem com a realidade, isto é, aos problemas do real e da fonte perceptiva de todo conhecimento”.

Não há elemento na consciência que não possua algo correspondente no domínio da linguagem verbal. Dessa forma, entre a percepção humana, pela qual conhecemos as coisas como existindo, e o existente, há uma ponte construída com palavras pela linguagem verbal, destinada à transmissão e manipulação da informação pelo ser humano. Nesse processo, cada aumento de informação humana envolve e é envolvido por um aumento de informação das palavras. A compreensão do processo de criação das palavras pode ser elucidada a partir dos mecanismos de associação por semelhança e contiguidade descritos por Peirce, que fundamentam a constituição de todo e qualquer tipo de linguagem e, portanto, a

geração e a evolução das palavras no contínuo processo de semiose, pelo qual um signo gera outro signo, numa cadeia infinita.

1. O real e o existente

Assim, faz-se necessário explorar alguns conceitos sobre o real e o existente em Peirce, evidenciando seus traços distintivos. “O existente é aquilo que reage contra outras coisas” (CP 8.191) ou ainda, para Peirce, “quando dizemos que uma coisa existe, queremos significar que ela reage sobre outras coisas” (CP 7.534), ou seja, tudo aquilo que existe age sobre outros existentes, obtendo assim uma auto-identidade e uma individualidade. Esse é o traço de alteridade, ou secundidade, presente na concepção peirceana de realidade, ou seja, o existente é a manifestação do real, é o fenômeno que se apresenta e é percebido. Por essa razão, o real, ou a realidade, não se reduz ao existente, “que é um modo especial de realidade [...] absolutamente determinada” (CP 6.349). Para Peirce, “o real é aquilo que não é o que eventualmente dele pensamos, mas que permanece não afetado pelo que possamos dele pensar” (CP 8.12). Dessa forma, os objetos reais são aqueles que permanecem independentes do pensamento que os representa, embora sejam redutíveis ao pensamento. Conforme Ibri:

A apenas parcial redução da concepção de realidade à ideia de existência deve-se [...] ao fato de que a primeira requer o atributo de *generalidade* do qual a segunda está destituída. Aquilo que existe, existe na sua particularidade como fragmentos do espaço e do tempo; *existe por ser esta coisa e não outra*. Vimos, não obstante, que a inteligibilidade da existência tem sua condição de possibilidade na sua subsunção às regularidades de conduta, ou seja, os individuais devem estar numa relação geral, para que sejam redutíveis ao pensamento. (1992, p. 36)

Dessa maneira, a existência é mera força bruta enquanto a regularidade de sua conduta não puder ser considerada, enquanto não perder seu caráter de reação numa representação que a torne pensável, compreensível. Essa representação da realidade, pela observação das regularidades dos existentes¹, será considerada verdadeira se puder “inscrever em si a conduta futura da existência” (IBRI 1992, p. 36). Feita essa distinção entre realidade e existente, é imperioso notar, no entanto, que, uma vez que a realidade insiste e reage sobre o pensamento na forma de múltiplos fenômenos, as representações dos fenômenos *no e pelo* pensamento ocorrerão independentes da sua adequação à realidade. Vejamos como isso ocorre.

2. Percepção e consciência

Os fenômenos se apresentam à mente, sendo captados pelas faculdades perceptivas do homem. Sob o ponto de vista da percepção, todo fenômeno apreendido será considerado um percepto. O percepto é todo objeto da percepção, é o que está fora da consciência e que reage sobre ela porque tem existência própria no mundo. No entanto, o percepto é percebido sob a forma de *percipuum*, que é o percepto “na sutil, mas marcante, mudança de natureza por que passa, ao ser incorporado à nossa mente, ao nosso processamento perceptivo” (SANTAELLA

¹ O acaso, apesar de não poder ser generalizado, também será observável fenomenicamente justamente por constituir-se numa quebra ou numa falta de regularidade.

1998, p. 59), já que para Peirce, “nossos próprios perceptos são resultado de elaboração cognitiva” (CP 5.146).

Muito embora a percepção possa ser vista como representativa por passar por uma elaboração cognitiva, Peirce, segundo Ransdell, combina a doutrina da cognição representativa com a doutrina da percepção imediata do objeto conhecido, uma vez que:

A percepção pode ser vista como representativa devido ao fato de que o objeto aparece sob uma forma (*qua* forma) que não pode ser materialmente idêntica ao objeto percebido e que pode, de fato, ser representativa de qualquer número de diferentes objetos individuais; mas ela pode ser considerada imediata porque — se a percepção é verídica — a forma sob a qual o objeto aparece é a própria *vera* forma, quer dizer, é precisamente a forma que ele corporifica. (RANSDELL *apud* SANTAELLA 1996: 209)

Mas a percepção imediata, dada pela identidade formal entre percepto e *percipuum*, é exatamente aquilo que escapa, aquilo que é perdido no instante infinitesimal subsequente àquele do ato perceptivo, porque não pode ser retido quando a distinção entre a identidade material de ambos se evidencia no campo da existência, i.e., no campo da categoria da secundidade, das relações diádicas. Isso se deve ao fato de que o aspecto icônico inerente a todo juízo perceptivo, que responde por essa identidade formal imediata entre o que se impõe à percepção e a forma como esse objeto é percebido, pertence ao domínio da primeiridade, categoria da possibilidade e dos aspectos monádicos que ficam subsumidos às relações de representação e mediação pertencentes à terceiridade. E Santaella explica lucidamente como isso ocorre:

Todo ato de percepção deve incluir um ingrediente icônico. Esse ingrediente icônico corresponde ao aspecto monádico que está encapsulado no juízo perceptivo. Toda percepção tem um caráter esquemático. Nunca percebemos mais do que uma seleção extremamente limitada dos aspectos formais daquilo que é percebido. Embora a identidade material entre o objeto percebido e o modo como ele é percebido seja radicalmente distinta, há, contudo, uma comunhão na identidade formal de ambos. Esse aspecto icônico é necessariamente esquemático, retendo dos objetos apenas os traços formais essenciais, nos quais o objeto e percepção se identificam. Sob esse ângulo, não há nenhuma distinção formal ou separação entre aquele algo que está lá fora, o percepto, e esse percepto tal como aparece no *percipuum*. Nessa medida, o ingrediente icônico é justamente aquilo que dá suporte ao processo perceptivo, funcionando como substrato da ilusão, subjacente a toda percepção, de que o objeto, tal como percebido, é o próprio objeto. Entretanto, a variação espaço-temporal nos ângulos perceptivos rompe com essa identidade, evidenciando a disparidade material e abrindo o fosso entre o perceber (*percipuum*) e o percebido (percepto). É por isso que a percepção imediata, na sua imediaticidade, corresponde à identidade formal, antes da insinuação da disparidade material entre perceber e percebido. (2010, p. 7)

Todavia, apesar dessa percepção imediata ser impossível de ser retida, ela introduz na consciência um novo elemento, uma informação, através de um juízo

perceptivo, de uma síntese cognitiva que instaura a cognição representativa própria da percepção:

Perceber é, assim, movimento de reunião e separação. Reunião formal (primeiridade, mônada) e separação material (secundidade, díada), para serem reintegradas cognitivamente em uma mediação intelectual que se dá no juízo perceptivo. Enquanto no nível de primeiridade tem-se a percepção imediata do *percipuum*, o nível de secundidade introduz a separação material entre a forma do objeto percebido e sua forma no *percipuum*. O juízo perceptivo, dimensão de terceiridade, introduz a síntese cognitiva entre a instância de conjunção da primeiridade e a instância de separação da secundidade, instaurando a cognição representativa que é própria de toda percepção. (*Ibidem*, p. 8)

O juízo perceptivo, como caso extremo de inferência lógica que é (cf. CP 5.181), possui características generalizantes que acomodam o *percipuum* a esquemas mentais e interpretativos mais ou menos habituais. São os juízos perceptivos que nos dizem o que é que estamos percebendo. Essa primeira inferência abductiva que constitui o juízo perceptivo, diferentemente da percepção imediata, pode e deverá ser retida na consciência.

3. Formação e evolução das palavras

Como Peirce nos diz que não há “elemento na consciência que não possua algo correspondente na palavra” (CP 5.314), esses feixes de perceptos, ou seja, os diferentes estímulos do existente que batem à porta da percepção humana, serão assim convertidos em palavras, isto é, em signos, e estes em linguagem, neste caso, verbal. Segundo Santaella (1983, p. 13), é a partir das aparências sensíveis que o homem, “na sua inquieta indagação para a compreensão dos fenômenos”, desvela significações, por meio da “alteração dos *sinais* (qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo) em *signos* ou *linguagens* (produtos da consciência)”. Dessa forma, temos que, entre a percepção humana, pela qual conhecemos as coisas como existindo (cf. CP 5.307), e o existente, há uma ponte construída com palavras pela linguagem verbal destinada à manipulação e transmissão da informação.

No tocante à questão inicial aqui proposta — investigar como as palavras realizam a mediação entre o existente e a percepção —, a explicação de Peirce de como surgem as palavras — baseada nas suas três categorias fenomenológicas, nos modos de ser delas decorrentes como ideias de sentimentos, atos de reação, formação de hábitos no mundo interior e no mundo da existência, e na repercussão destes na mente humana, isto é, nos dois modos de associação mental — é altamente esclarecedora e, embora extensa, merece ser transcrita integralmente:

...de acordo com meu modo de ver, há três categorias de ser; ideias de sentimentos, atos de reação e hábitos. Hábitos são hábitos a respeito de ideias de sentimento ou hábitos a respeito de atos de reação. O conjunto de todos os hábitos a respeito de ideias de sentimentos constitui um grande hábito que é um Mundo; e o conjunto de todos os hábitos de reação constitui um segundo grande hábito, que é outro Mundo. O primeiro é o Mundo Interior, o mundo das formas de Platão. O outro é o Mundo Exterior, ou universo da existência. A mente do homem está adaptada à realidade do ser. De acordo com isso, há dois modos de associação de ideias: associação

interior baseada em hábitos do Mundo Interior, e associação exterior, baseada em hábitos do Universo.

A primeira é comumente chamada de associação por semelhança; mas em minha opinião, não é a semelhança que causa a associação, mas a associação que constitui a semelhança. Uma ideia de um sentimento é como ela é em si mesma, sem quaisquer elementos ou relações. Uma tonalidade de vermelho em si mesma não se assemelha a outra tonalidade de vermelho. De fato, quando falamos de uma tonalidade de vermelho, não é da ideia de sentimento que estamos falando, mas de um conjunto de tais ideias. Essa unificação no Mundo Interior que constitui o que apreendemos e a que denominamos sua semelhança. Nossas mentes sendo consideravelmente adaptadas ao Mundo Interior, as ideias de sentimentos atraem-se umas às outras em nossas mentes, e no curso de nossa experiência no Mundo Interior, desenvolvem conceitos gerais. A tais conjuntos chamamos qualidades sensíveis.

Associações de nossos pensamentos, tendo por base os atos de reação, são denominadas associações por contiguidade, uma expressão com a qual não discutirei, pois somente os atos de reação podem ser contíguos. Pois ser contíguo é estar próximo no espaço e em um só tempo; e somente um ato de reação pode preencher um espaço por ele mesmo. A mente, por sua adaptação instintiva ao Mundo Exterior, representa as coisas como estando no espaço, o qual é sua representação intuitiva da conjunção de reações, ou para usar uma frase mais familiar, um centro de forças.

Consequentemente, desse duplo modo de associação de ideias, quando alguém chega a formar uma linguagem, produz palavras de duas classes, palavras que denominam coisas, coisas essas que ele identifica pela união de suas reações, essas palavras são nomes próprios; e palavras que significam ou querem dizer qualidades, que são fotografias compostas de ideias de sentimentos, e tais palavras são verbos ou porções de verbos, tais como são os adjetivos, os substantivos comuns, etc. (CP 4.157)

Também em outras passagens Peirce deixa clara a importância dos dois tipos de associação para o pensamento: “sugestão por contiguidade significa que quando uma ideia nos é familiar como parte de um sistema de ideias, essa ideia pode sugerir o sistema a nossas mentes” (CP 7.391), enquanto “a semelhança entre duas ideias consiste no fato de que a mente naturalmente as une no pensamento de uma certa maneira” (CP 7.392). Para Peirce, todas as inferências se dão sob a influência da lei de associação (cf. CP 7.444), sendo que a inferência por contiguidade constitui-se no tipo mais rudimentar de raciocínio (cf. CP 7.445), enquanto a inferência por semelhança, ao envolver uma observação de qualidades como tais, precisa repousar, ou numa capacidade de linguagem propriamente dita ou, ao menos, numa capacidade para a linguagem (cf. CP 7.446), uma vez que é a mente que determina a semelhança e não o contrário.

A compreensão do processo de criação das palavras fica assim elucidada a partir dos mecanismos de associação por semelhança e contiguidade descritos por Peirce. Esses mecanismos encontram-se na base da constituição de todo e qualquer tipo de linguagem, e aqui ficam evidenciados em função de sua importância na constituição da linguagem verbal, e especificamente, na geração das palavras. Peirce também é bastante claro no tocante ao processo imitativo — fruto da associação por semelhança, que parece estar na base da constituição das

palavras — e a como esses signos icônicos perceptivos foram sendo substituídos por signos convencionais:

Em todas as escritas primitivas, tal como os hieróglifos egípcios, há ícones de tipo não lógico, os ideógrafos. Nas primeiras manifestações de comunicação verbal houve provavelmente amplo elemento de imitação. Todavia, em todas as línguas conhecidas, essas representações foram substituídas por signos auditivos convencionais. (CP 2.280)

Mas para que uma palavra seja criada, não basta emitir um som qualquer ou mesmo grafá-lo de acordo com os sinais da escrita convencional, já que a palavra é, antes de tudo, um legissigno. Legissignos são leis que são signos (CP 2.246). As palavras são legissignos pois seu fundamento (*ground*) para que funcionem como signos e, portanto, para que sejam consideradas palavras, encontra-se no fato de pertencerem a um sistema convencional dentro do qual agirão como *representamina*, por força das leis desse sistema.

Essa natureza sígnica — e mais especificamente, suas características de lei — é outro aspecto relevante para a compreensão da função mediadora das palavras entre o existente e a percepção. Como os legissignos são as únicas espécies sígnicas capazes de um crescimento no seu significado (cf. SHAPIRO 1988, p. 124), as palavras encontram-se em constante evolução, que, como postula Peirce, está diretamente relacionada ao aumento de informação humana. Essa evolução está intimamente ligada à tese central de Peirce de que todo pensamento se dá em signos “que são, na maioria, da mesma estrutura geral das palavras” (CP 6.338). É por isso que, como exemplifica Peirce, a palavra *eletricidade* significa hoje muito mais do que no tempo em que foi criada, pois sendo a palavra “signo de seu objeto” (SAVAN *apud* SANTAELLA 2007, p. 132), todo o conhecimento sobre o objeto de uma palavra, no caso, eletricidade, desenvolvido ao longo do tempo, vai se somando ao legissigno e crescendo conceitualmente (SHAPIRO 1988, p.125).

Assim, a convencionalização das palavras, tanto pela substituição de signos icônicos por símbolos, como pelo próprio processo de inserção da palavra no sistema da língua, não detém os mecanismos de associação por semelhança e contiguidade, que continuam a operar em função da atividade perceptiva da mente humana, que, dessa forma, engendra o constante aumento de informação sobre o real através dos estímulos do existente. Como aponta Silveira (2007, p. 108), para Peirce, “a associação de ideias não podia ser concebida como a associação espontânea das impressões sensíveis para uma razão eminentemente passiva, dando lugar a conceitos gerais”; ao invés disso, a associação de ideias deve ser como fruto da atividade mental de “associação de juízos decorrentes da atividade perceptiva da razão, que conferem, por inferência, significado aos signos” (*Ibidem*).

O processo de evolução das palavras ao longo do tempo está, dessa forma, atrelado ao desenvolvimento do conhecimento e da consciência humana, pelos quais se torna compreensível como as palavras incorporam, cada vez mais, o que o homem conhece ou sente sobre os perceptos. No tocante às mudanças de significados por que passam as palavras, Peirce ressalta, uma vez mais, o papel e a importância das associações; ele afirma que “as mudanças nos significados das palavras obedecem, é claro, a lei da associação” e que os “filologistas, a partir de observações de tais mudanças, as reduziram [as palavras] a sucessivos alargamentos e estreitamentos. Os alargamentos consistem em incorporar novas ideias; os estreitamentos, na eliminação de ideias pouco usadas” (CP 7.415). E

nesse processo, contínuo, “homens e palavras educam-se mutuamente”, pois como vimos, “cada aumento de informação humana envolve e é envolvido por um aumento de informação das palavras” (CP 5.313).

Conclusão

A semiose como ação sígnica de gerar outro signo, *ad infinitum*, é o processo pelo qual as palavras se constituem e evoluem. Nesse processo, percepção e cognição estão entrelaçadas. Os dois tipos de associação, por contiguidade e por semelhança, compõem o permanente trabalho associativo da mente, em constante interação com a realidade, que se impõem à percepção. As palavras são criadas a partir de aspectos icônicos e indiciais, que são incorporados em símbolos. A função mediadora das palavras é exercida pelas suas características de lei, como legissignos inseridos no sistema convencional da língua. Os legissignos crescem em seu significado; as palavras crescem conceitualmente e estão em constante evolução, diretamente relacionada ao aumento de informação humana sobre os objetos que elas representam. O processo de evolução das palavras ao longo do tempo está, dessa forma, atrelado ao desenvolvimento do conhecimento e da consciência humana, pelos quais se torna compreensível como as palavras incorporam, cada vez mais, o que o homem conhece sobre o real.

* * *

Referências

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos Noetós**: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **Collected Papers**. Versão eletrônica, Intalex, 1992. (Citado como CP seguido do número do volume, ponto e do número do parágrafo.)

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Six degrees of iconicity: from pure icon to metaphor. In: V.COLAPIETRO & T. OLSHEVSKY (Orgs.), **Peirce's doctrine of signs**, p. 205-213. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996.

_____. **A percepção**: uma teoria semiótica. São Paulo: Experimento, 1998.

_____. **A teoria geral dos signos**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2000.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2001.

_____. O que é o símbolo. In: **Computação, cognição, semiose**. J. QUEIROZ, A. LOULA; R. GUDWIN (orgs.). Salvador: EDUFBA, 2007.

_____. **Ícone e cognição**: o ícone puro, os ícones perceptivos e os hipoícones. Artigo inédito, fornecido pela autora, a ser inserido na edição aumentada do livro **Percepção: uma teoria semiótica**, 2010.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SHAPIRO, Michael. Dynamic Interpretants and Grammar. In: **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, Vol. 24, n.1, p.123-130, 1988.

SHORT, Thomas L. Life among the legisigns. In: **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, Vol.18, n.4, p. 285-310, 1982.

SILVEIRA, Lauro Frederico Barbosa. **Curso de Semiótica Geral**. São Paulo: Quartier Latin, 2007.